

APRESENTAÇÃO

A pessoa que escreveu este trabalho virou uma personagem dele. Ela é inconformada com a realidade que tem em torno de si. Em razão disso, ela já foi uma suicida e, por isso, hoje não se importa em viver sua cristandade nem que corra risco de vida. Descobriu que ser cristã é mais difícil do que parece. Essa pessoa é designada aqui pelo nome “autora” por razões didáticas, para assim levar ao conhecimento das pessoas a vivência de uma personagem que se chama “autora”, “escritora”, entre outros nomes. Mas não considera sua autoria do livro que ela apresenta aqui. Isso é dito, porque, quando ela iniciou este livro sua compreensão estava muito abaixo do que existe nele, de modo que foi surpreendida por muitas revelações, da mesma forma que o leitor, talvez, também, venha a ser surpreendido.

A autora, Sáskia Carneiro, é uma mulher de 50 anos de idade (2017, ano de término da 1ª edição do livro). Ela é brasileira e mãe de 2 filhos, é residente no distrito de Comendador Venâncio que pertence à cidade de Itaperuna/RJ. Em particular, Sáskia prescreve a autonomia nas relações de parentesco e fala contra a imagem da mãe como uma escrava social. Ela luta pelo esclarecimento de que todos são filhos sociais e não apenas de uma mãe isolada, por isso, defende que a sociedade deva assumir uma postura mais de mãe e não de atormentadora sobre os homens de todos os sexos.

Sáskia cursou duas faculdades, a primeira faculdade (Letras, Português e suas Literaturas) junto à Universidade Federal Fluminense entre 1985 e 1989. A segunda faculdade (advocacia), ela cursou junto à Universidade Gama Filho entre 1993 e 1997. No que se refere ao seu estado civil, ela é casada com um homem apenas no papel (separada de fato desde 2010). Ela trabalhou mais de 20 anos na Justiça Federal, quase todos estes anos foram trabalhados em serviço de cartório. Em 2014, após apresentar um grave problema de saúde na coluna cervical, que redundaria em se submeter a uma cirurgia de alto risco, foi inserida no regime de teletrabalho. Devido a este problema de saúde ela poderia ter a medula interrompida, pois, se tratava de uma deformidade de vértebras. Isso veio a obrigá-la a trabalhar deitada dali em diante. Graças a ter sido inserida no regime de teletrabalho, ela pode se dedicar a uma vida menos social e mais religiosa. Sáskia é católica de nascença, assim, esta é sua linha básica, entretanto, não se prende aos conceitos de uma única religião, por isso, se define como católica de linha ecumênica. No final de 2015, ela iniciou um jejum com supressão de carne. Quando falamos em carne aqui, incluímos todos os tipos: aves, suínos, bovinos, peixes, ou o que quer que seja, bicho de goiaba, entre outras carnes. A intenção inicial era estender este jejum ao ano que se seguia, quando se entregaria à prática do jejum e da oração. A prática da verdade também estava embutida na prática do jejum e da oração, conforme foi a proposta aberta pelo Papa Francisco no ano de 2016 – ano santo da misericórdia. Neste ano foi passada a mensagem de união entre povos e religiões através do diálogo. Este processo de jejuns, orações e verdade busca, principalmente, a purificação física e espiritual. Tanto em termos pessoais, quanto em termos mundiais, apenas a verdade possui força suficiente para unir povos e religiões. A partir de então, ela intensificou seu jejum e fez supressões gradativas nele, conforme orientações de diversas igrejas. Isso foi feito no sentido de aumentar a purificação do corpo sem se causar sofrimento. O que consideramos aqui é que o sofrimento intoxica a carne. Assim, qualquer sofrimento caminhará na direção contrária da purificação que é buscada neste jejum. Não somos nós mesmos quando sofremos, é isso que este jejum sem sofrimento quer dizer. Quando sofremos, somos apenas uma parte de nós, talvez a pior parte.

No final de 2018, a autora foi retirada do teletrabalho pela administração de seu órgão. Isso aconteceu após uma série de atitudes de perseguição contra ela. Essa situação material ficava comprovada através de coisas como cobranças ilimitadas de trabalho no cumprimento de metas e, também, falta de tolerância em erros. Isso quer dizer que ela poderia ter até 1000 processos para trabalhar em um dia, que não receberia ajuda para fazê-lo. Se estas tarefas diárias não fossem cumpridas, entretanto, independentemente do número elevado de processos, era dito que ela não tinha cumprido sua meta. Ao mesmo tempo, ela não poderia ter sequer 5 erros de movimentação no trimestre, por exemplo, senão era advertida, ou punida, como foi punida por esta alegação. A administração da justiça, através de seus colegas, exigia dela uma performance superior à das máquinas.

Após voltar para o serviço interno, Sáskia desenvolveu uma espécie de fobia ao cheiro do ar condicionado. Esta fobia já estava em andamento. Ela sempre detestou ar condicionado, mas, nos 16 outros anos em que ela tinha trabalhado internamente, foi obrigada a suportar isso, transformando-se numa tortura diária. O que mais preocupava a autora era a deformidade da coluna, pois ela estava sendo exposta a todas as condições que haviam causado esta doença, trabalhar sentada e dirigir por quilômetros para trabalhar.

Para se proteger, sofreu uma série de limitações, como se estivesse amarrada e sufocada. O cenário era: trabalhar recostada numa cadeira instável, com movimentos limitados por fios de teclado e mouse, com protetores auditivos (que ela já usava), com máscara e, por fim, foi advertida para não conversar com a colega ao lado. Ela passou a ter enjoos e vômitos diários. Além de tudo isso, a administração ainda passou a fazer perseguições, usando a máquina administrativa. Uma sindicância foi aberta contra ela, na qual a administração formou duas comissões permanentes de apuração de infrações disciplinares cometidas por funcionários. Nessa sindicância, inclusive, ela não tinha acesso ao seu processo. Resumidamente, houve tortura física e psicológica, que era materializada em 7 horas diárias de vida vegetativa e perseguição administrativa. Acrescentamos que, apesar de ser honesta, se não soubesse se defender provavelmente estaria difamada.

Tudo isso ocasionou que ela tornou a ter crises de coluna e entrou num estado depressivo muito acentuado, foi quando ela começou a apresentar instabilidades psicológicas que são típicas de quem está sendo submetido a tortura. Voltou, inclusive, vergonhosamente, a pensar em suicídio, pois esta opressão foi sofrida por toda a sua vida, mas, agora era ainda pior, por já ter quase morrido por causa dela. Em seguida, ela caiu num estado depressivo grave. Devido a não comer, por vezes, o estômago colava as paredes. Isso era doloroso. Ela ingeria miúdas porções de frutas amassadas com muita água para conseguir engolir e vomitava a maior parte. Até que pediu exoneração e aí começou a ter forças para buscar auxílio e se recuperar. A Instituição, por sua vez, não lhe deu a exoneração e a inseriu em processo de aposentadoria por invalidez, o qual ainda não foi finalizado até então, apesar do veredicto da perícia ter sido dado no sentido da invalidez.

Sáskia aproveitou este período lastimável, em que sua instituição fez um péssimo papel, para estudar o sofrimento e, com isso, reafirma seu combate contra a mentalidade de sofrimento. Levanta o estandarte de que é, igualmente, desnecessário sofrermos para que nos tornemos pessoas mais puras. Reconhece que, até o tempo da estória que é contada aqui, ainda precisávamos sofrer para sermos sensíveis ao sofrimento do outro. Entretanto, com a conscientização, podemos ser sensíveis sem passarmos por processos dolorosos. Se, mesmo conscientizadas, as pessoas quiserem sofrer, será uma má escolha, mas deixará de ser a única opção. Qualquer um deseja isso, qualquer mãe também deve desejar isso para um filho seu.

Sáskia prega que o ser humano se apoie sobre o tripé cristão de paz, amor e boa vontade para seu aprimoramento. Cristo falou dos três valores. Dizia “a **paz** esteja convosco”, “**amai-vos** uns aos outros” e, na última ceia, disse: “Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos **dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também**” (João 13: 14-15).

O símbolo “paz e amor” representa as duas necessidades básicas do ser humano, mas, destituído de boa vontade, é genérico demais, podendo tipificar qualquer pessoa e não necessariamente um cristão. Assim, ela resgata o símbolo do tripé cristão, que havia sido difamado. O símbolo parte do antigo sinal de paz e amor acrescentado do dedo anular, que é o dedo dos anéis, a fim de representar aliança com Deus.

Para Jesus a boa vontade era fundamental, é o que reflete quando responde a Pedro, “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (João 13:8), ou seja, se não tivermos este último atributo não somos cristãos.

Existe o aperfeiçoamento deste símbolo do tripé cristão, que é bem representado na imagem do sagrado coração de Jesus. Nesta forma acrescentamos o dedo polegar, ao invés do anular. É um aperfeiçoamento, porque colocando o polegar no lugar do anular queremos dizer, não apenas aliança com a vontade de Deus, mas também a adaptação e a equiparação da nossa vontade com a vontade de Deus. O polegar é o dedo da vontade. Assim, fica querendo dizer: “a minha vontade é de acordo com a vontade de Deus, e não é apenas uma obrigação”.

Após este primeiro jejum, em que se excluía apenas a carne, Sáskia prosseguiu, intensificando esse hábito, passando para uma segunda orientação, na qual foi utilizado o jejum preparatório para se submeter a cirurgias espirituais. Neste segundo jejum, que busca principalmente a purificação do corpo, como se fosse uma limpeza de resíduos e irritações carnis, se incluíam, também, a abstinência de sexo, de remédios, de álcool e de cigarros.

Na terceira orientação, foi usado o jejum do Santo Daime, no qual existe, além destas abstinências já efetuadas, a abstinência de açúcar, alho e café, bem como de alimentos artificiais. Por último, Sáskia ingressou no jejum do leite e mel. Neste último, comemos apenas leite e derivados, no grupo “leite”. No grupo “mel” comemos frutas e o mel. A representação é de que as frutas são o verdadeiro mel emanado da terra. Este jejum final, praticado pela autora, é feito, não apenas, direcionado à sua purificação, mas também, para chamar a atenção para a campanha:

“AQUI É A TERRA PROMETIDA DE ONDE EMANA LEITE E MEL”

A vida de Sáskia é voltada para a campanha neocristã de que o verdadeiro cristianismo não foi ensinado e de que o verdadeiro povo escolhido entre os judeus eram os essênios, até por isso foram exterminados 60 anos após a crucificação de Jesus Cristo.

Em 2017 ela se declarou pacifista e passou a se vestir totalmente de branco, comprometendo-se a promover a paz, ainda que tenha que se meter no meio da guerra. Entre as vestimentas dela apenas os sapatos variam nas cores, representando o contato com a terra. As roupas que ela veste têm um corte voltado para a campanha contra a demonização do corpo feminino, por isso, procuram expor um pouco o seu corpo sem marcar formas. A intenção principal é chamar a atenção para o direito do ser humano de ser natural. Por isso, também, Sáskia não depila braços, pernas e axilas, a menos que sinta vontade. O seu corte de cabelo pode variar, entretanto, estará voltado a desconstruir a diferença entre cortes masculinos e femininos. Estes cortes são para ilustrar a campanha “SOMOS TODOS ANDRÓGENOS”, na qual dizemos que as diferenças entre homens e mulheres é que são artificiais e não os cortes de cabelo. Esta campanha quer dizer que todos temos traços os quais poderiam ser considerados tanto de homens quanto de mulheres pela nossa cultura de extremos, mas que, nem por isso, deixamos de ser o que somos. Quer dizer, principalmente, que temos o direito de ser o que somos sem sermos perseguidos. O livro, entretanto, narra toda uma atuação anterior a esta época por parte dela. As atuações principais dela são em defesa de pessoas próximas que se encontrem em estado de vulnerabilidade social. Aí, o conceito de próximo variará, sendo certo que não será uma campanha pelo telefone.

Alguns destes casos de pessoas em estado de vulnerabilidade social elencam as histórias que estão contidas no livro “O CONTRADOMINISMO – O DESPERTAR DO GIGANTE”. Um desses casos, especificamente, deflagrou o lançamento deste livro em estado de rascunho como estratégia para ela salvar a vida da autora. Nesta estratégia, Sáskia inseriu no livro a narração do fato criminoso que ela havia presenciado e que tinha sido praticado pela polícia. Em seguida, difundiu o livro no estado em que estava, através da rede de e-mails da Justiça Federal. Alertou, igualmente, que estava correndo risco de vida no corpo do e-mail, e o rascunho do livro foi como anexo. Esta história é mais bem contada ao longo do livro e este fato específico está narrado no capítulo XIV “A guerra contra as drogas e a indústria da morte”.

Se a autora é apenas uma personagem, uma pessoa que Deus usou para imprimir uma mensagem, uma testemunha, por outro lado, a história do livro e da autora se confundem. A escolha da fotografia da garotinha de 5 anos de idade como capa ilustrativa de metáfora do livro representa um entre os primeiros dias do jardim de infância, em que a autora posou para fotografia e não sabia nem cruzar os braços, nem fazer “sorriso de fotografia”. Primeiro, mandaram-na rir mostrando os dentes e, como não ficou muito bonito, mandaram-na rir sem mostrar os dentes. Isso ensejou a pergunta: “Como saberão que eu estou rindo?” Que foi satisfeita com a resposta “sorria com os olhos”. Esta pequena lembrança mostra todo o trajeto de um ser humano pelo conhecimento “dos homens”. A foto representa o ser humano.

A foto representa, também, a evasão psicológica que foi efetuada pela autora diante de um excesso de sentimentos fortes em um momento de luta, não apenas pela sua sobrevivência, mas também, principalmente, pela sobrevivência de sua obra. Através de sua obra, defende a liberdade humana e, principalmente, o direito do ser humano de falar livremente.

Por fim, este trabalho é um livro basicamente voltado para o refazimento da identidade humana, por isso é um livro de cura espiritual e psicológica também (além de todo o seu caráter eclético). E é por isso que, por mais que este trabalho traga em seu bojo assuntos pesados, a proposta da obra é: envolva-se com esta leitura e que ela lhe desperte seu melhor lado.

PREFÁCIO

A estória deste livro já daria um livro e se confunde muito com a vida de quem o escreveu. É uma obra que foi nascendo da vivência de sua escritora, até culminar em fatos diferentes, que acabaram por definir um final inesperado. Assim, vamos pincelar uma pequena parte desta estória, mas, prestando atenção, principalmente, no presente, que é o próprio livro e nada substitui lê-lo. A primeira edição da obra foi escrita entre o final de 2015 e início de 2017, despendendo, após este período, ainda um tempo em sua correção. No entanto, ainda assim, teve que sair com erros por falta de tempo hábil para corrigi-los. O leitor verá, em várias partes, que as datas foram grafadas. Estas datas foram registradas na tecedura do livro por se referirem à estória do livro. Como instrução de leitura, vale lembrar, também, que a palavra *idéia* é acentuada aqui por razões ideológicas.

Desde os 5 anos de idade, a autora do livro “O CONTRADOMINISMO – O DESPERTAR DO GIGANTE” ouviu assuntos que, na época, eram sussurrados, e cujo maior tema era a dominação. Era a época da ditadura. Como linguista nata, desde a mesma idade, viu-se debruçada sobre a apreciação da mentira e sobre a análise minuciosa das pessoas que a rodeavam e o “*corpus linguístico*” (conjunto de linguagem individual) delas.

Aos 17 anos de idade, ao ingressar na faculdade de letras, a autora se aprofundou em estudos independentes visando analisar a ideologia implícita sobre as letras do discurso social existente. Para suas pesquisas, usou como base o livro de Mikhail Bakhtin, “Marxismo e Filosofia da Linguagem”.

Na mesma época, ainda, com o auxílio de seu professor de psicologia da educação, iniciou, igualmente, estudos autônomos de psicologia, que no futuro iriam compor todo um entendimento contra a psicologia atual deste período, pela maneira como ela é praticada.

Desde jovem, a autora desenhava gráficos, querendo ilustrar a malha de dominação sem, contudo, receber qualquer entendimento. Observou que, com o passar do tempo, as pessoas começaram a se questionar sobre quem seria esta “dominação”. A pergunta era: “somos dominados através das mãos de quem? Quem está por trás da dominação?” Aos poucos as pessoas deixaram de acreditar na existência de uma dominação por não conseguirem enxergá-la materialmente, já que o regime militar havia caído e, em teoria, juntamente com ele, também havia caído a lei do silêncio. Ocorre que, apesar da suposta queda da lei do silêncio, todos os assuntos contradoministas – contradominista quer dizer de resistência ativa, de combate à dominação doentia - ouvidos em sua infância já não faziam parte do *métier* de mais ninguém. As palavras foram roubadas do vocabulário e foram substituídas por outras com significados pervertidos. “Aquilo” é um exemplo. “Aquilo” é um pronome demonstrativo com semântica de indefinido e, por isso, é capaz de substituir qualquer palavra. O significado desta palavra foi diretamente ligado ao significado sexo. “Aquilo” é uma palavra chave da língua portuguesa. A partir daí, se fez uma profusão do significado sexo, aplicando-o a qualquer palavra. Isso generalizou, por via de consequência, a promiscuidade através da expressão “Só pensa naquilo”. Essa ação foi feita através do programa de humor “Escolinha do professor Raimundo”. Um programa que pregava a depreciação do professor, o desrespeito de alunos contra os professores dentro das salas de aula e, principalmente, fazia programações neurolinguísticas (PNL) diárias, ou, deveríamos dizer, implantações neurolinguísticas diárias.

A arte nacional, expressada através da música, vinha de um período eclético, se revezando em estilos. Entre estes movimentos estavam: o tropicalismo de Caetano e os novos baianos (movimento Tropicália [tropi'kaʎe, tropi'kaʎje]), as depressivas músicas de boemia com Nelson Gonçalves, as músicas de adoração da mulher com Francisco Alves, os sambas canções de Vinícius de Moraes e Toquinho, o lirismo descritivo de Tom Jobim, e, enfim, toda a música popular, com Chico Buarque de Holanda, Sá, Guarabira, Zé Rodrix, entre muitos outros. Existe uma verdadeira multidão de grandes cantores que se desenvolveram nesta época. Era a época áurea da música brasileira. O traço em comum entre todos os movimentos da época era o neocristianismo. Tinha até um profeta enlouquecido, chamado Raul Seixas, que, depois, descambou do neocristianismo para uma obra sem conotação moral alguma.

Após a ditadura política, houve um trabalho minucioso no sentido de tirar as músicas conceituais do mercado. A era dos festivais denunciou que foram feitas competições entre músicos, nas quais se dava a vitória a quem era de interesse. Foram feitas seleções das músicas para divulgação, a partir de então, com a intenção de carregar a arte neocristã para o direcionamento anticristão. Foram seguidas várias etapas com a primeira intenção de destruir o conceito cristão de amor. A promoção da arte deixava de ser uma aprovação social para ser uma imposição social. O objetivo era destruir nosso conteúdo musical. O empresariado pagante destas promoções musicais buscava um lucro fácil sobre elas. Após cinquenta anos de observação, são visíveis as etapas que foram seguidas para a destruição da MPB (música popular brasileira) com a finalidade lógica de destruir o seu conteúdo. Principalmente, se entendermos que a mesma destruição foi feita no conteúdo das escolas, dentro das faculdades, dentro das leis, dentro da justiça, dentro das comunicações, e sabe Deus mais onde. A política nacional e os governos democráticos foram destruídos primeiro, como forma de abrir esta porta, para que essa infiltração acontecesse. A partir disso, nossos governantes começaram a legislar contra os próprios nacionais. Nossos governantes passaram a representar os interesses do empresariado estrangeiro. O FUNRURAL, que era um fundo essencial ao trabalhador rurícola, foi destruído sob a alegação falsa de necessidade de reforma previdenciária, acabando com o abastecimento agrícola do país, que era feito pelo pequeno produtor. Assim, este abastecimento, que antes não podia ser controlado, foi tomando das mãos dos produtores. A dominação mais eficiente em todos os tempos sempre foi a que é feita através dos alimentos. A intenção destes atos era substituir o abastecimento básico do mercado nacional pela monocultura, que se não é de estrangeiros, é totalmente dependente da tecnologia e dos produtos estrangeiros. Juntamente com a retirada da produção de alimentos das mãos dos nacionais brasileiros, houve todo um processo de retirada do contato direto entre pessoas e alimentos próximos. O sul do Brasil, que é conhecido por ser habitado por uma alta percentagem de estrangeiros e seus descendentes, recebeu subsídios do governo para investir em mecanização. As vantagens econômicas dadas ao sul prejudicaram os produtores do restante do país, retirando sua capacidade de competir no mercado com igualdade de condições. Assim, a produção de arroz (principal alimento nacional), entre outras também importantes, foi retirada das mãos dos pequenos produtores, que se encontravam espalhados por todo o país. Vale lembrar que a mudança é recente e ainda tem como ser revertida com pleno sucesso, pois as vargens de plantações de arroz ainda se encontram alagadas para todos os lados, podendo reviver este plantio a qualquer momento.

Na saúde, o câncer assumiu proporções inimagináveis graças à pulverização de radioatividade feita pelos fertilizantes químicos. Os fertilizantes químicos, por sua vez, entraram no Brasil através do monopólio da indústria de cigarros. A química e a tecnologia do câncer também são caras e representam gastos sobre gastos. E, por trás deste absurdo, um outro absurdo: no Brasil são proibidos monopólios, apesar de ele ser o país dos monopólios. E isso é o que acontece nos transportes (com raras exceções), na venda de cigarros e em outras áreas. Por trás do monopólio existe o conceito de controle, por isso os monopólios deveriam ser proibidos e é exatamente por isso que são tão usados. Se o Brasil é o país dos monopólios há o que suspeitarmos que seja o país do controle também. E a pergunta é: controle de quem?

A “destruição” de nosso conteúdo musical foi concretizada aos poucos até chegarmos aos dias narrados aqui, quando a nossa produção musical só encontra venda interna e isso é devido ao fato da produção de músicas atuais deste período serem de um caráter sexual voltado para a pedofilia (as “novinhas” que o digam). Ao mesmo tempo que são de caráter extremamente pornográfico. Não há maior ilustração disso do que a recente versão da música “pela estrada a fora” tema da estória “chapeuzinho vermelho” e que, nesta versão moderna, manda se sentar sexualmente e de forma repetitiva. Mas, como dito, foram muitas as fases foram veiculadas com profusão, e foram ouvidas em todas as rádios, numa evidente demonstração de financiamento externo, de modo que eram ouvidas até mesmo durante a tarde. Eram tocadas no comércio, inclusive, apesar de possuírem letras totalmente imorais.

Após a leitura do livro “A microfísica do poder”, de Michel Foucault, mais uma vez o tema “dominação” se acendeu nas análises da autora, até que, finalmente, chegou ao ponto principal do livro. A dominação não é um ente físico, a dominação é uma idéia que se torna um corpo à medida que as pessoas aderem à idéia de dominação. A dominação, na realidade, é o “corpo dominista”, que é apoiado sobre idéias de exploração do homem pelo homem.

Na estória que é contada aqui, as coisas se precipitaram em acontecimentos. A autora presenciou uma situação em que a polícia local recebia dinheiro de suborno.

A situação que foi presenciada no dia 30/12/2015 entre 8 e 9 horas da manhã era absurda, pois, para tomar a propina, o policial sacava da arma. Isto é, era um assalto a mão armada efetuado pela polícia fardada. E, pior ainda, entre as pessoas contra quem o policial apontava a arma estava uma criança que deveria ter por volta de 1 ano e dois meses de idade. O grupo que estava sendo submetido era composto de um homem, uma mulher e este jovem de um ano e dois meses. Como agravante ainda maior, a autora, que sempre foi pessoa espontânea, colocou-se em posição de enfrentamento da polícia e daquela situação. Tornou-se, com isso, um alvo fácil e certo da polícia corrupta. A partir de então, ela teve que montar uma estratégia para sobreviver ao que parecia ser o início de formação de uma milícia pela polícia em sua localidade.

Assomou-se à revolta e à fúria da autora como cidadã o fato de estar em um dia de descanso em caminhada com seu filho adolescente de 16 anos de idade e o rapaz ter ficado com sua percepção de mundo confusa, como se aquele fato assistido fosse um fato normal.

A este mesmo tempo, fatos diferentes vinham acontecendo com a autora. Ela começou a sentir sua química toda se alterar fortemente, de modo que se transformava em outra pessoa. De repente, deixou de ser carnívora, quando antes era uma “verdadeira onça.” No dia 31/12/15, ouviu um chamado através da música “Como é grande o meu amor por você” de Roberto Carlos, da qual repetia em mantra o refrão “Eu tenho tanto pra te falar, mas com palavras não sei dizer, como é grande o meu amor por você”. Neste momento, a autora sentiu-se chamada a fazer valer seu nome, que significa “defensora da espécie humana”, com a finalidade de defender incondicionalmente os seres humanos por amor a Deus. No dia primeiro de janeiro de 2016 às 5 horas da manhã, a autora viu passar um grande raio, uma espécie de faísca e atrás dele sua definição: **“Faísca do olhar de Deus, inconsciente coletivo, Espírito Santo paráclito do Senhor”**. Essa experiência veio a se assomar com a experiência vivida no dia anterior, que provocava uma sensação intensa de deslumbramento. A aprendizagem da autora se intensificou e ela começou a ouvir de todos os lados mensagens que lhe davam respostas e ela se sentiu em consonância com tudo o que ouvia de todos os lados.

No plano físico, a autora começou a agir sozinha em sua própria defesa, já que não poderia contar com a defesa de ninguém. Havia um cerco invisível que se fechava ao seu redor. A autora assistiu diversas investidas de estranhos para tentarem se aproximar de sua casa e de sua pessoa sem auferirem sucesso. Graças a este fato, obrigava a polícia a agir em sua defesa, já que, há algum tempo, tinha feito pedido de registro de telefonemas de emergência à sua operadora. Assim, se sentia segura para pressionar. E assim, passou a ligar e colocar a polícia sob ameaça, dizendo que teriam que atendê-la, porque seu telefone registrava telefonemas para a polícia. Dizia que, se não fossem iriam responder por prevaricação – se não acontecesse nada – ou por omissão – em razão do próprio crime, se acontecesse alguma coisa. Mais tarde, descobriu, também, que tais registros de telefonemas não lhes eram acessíveis, vindo, por isso, a perceber toda uma situação de vulnerabilidade social. Atuando em sua defesa, a autora sentiu que era necessária uma ação mais ríspida, por isso, no dia 06/01/16 lançou a primeira “bomba ideológica”. Esta bomba ideológica foi espalhada através da primeira versão do livro com o nome “O Contradominismo: sonho ou realidade”.

Este nome, “O Contradominismo – sonho ou realidade”, ilustrava tanto a situação da autora, que estava tendo que veicular um conhecimento ainda inconsistente, quanto a situação do próprio livro que se encontrava em linguagem quase incompreensível. Entretanto, na mente da autora havia uma defesa da obra, pois acreditava que da mesma forma que ela tinha sido atingida por um conjunto de *insights*, outra pessoa com o início do seu trabalho também poderia tê-los, caso ela fosse eliminada.

Em sua mente havia um plano de fuga para o próprio livro, se fosse o caso dela ser assassinada. Ela já reputava que o livro era mais importante do que a sua vida ou de qualquer outro vivente individualmente. Assim, foi este o momento em que ela espalhou o livro para 5 mil pessoas através da rede de e-mails da Justiça Federal do Rio de Janeiro. O livro, entretanto, ainda estava no irritante estado de rascunho e a denúncia que continha o fato presenciado foi inserida em um capítulo aleatório, de modo que seria muito difícil de ser compreendida. Paralelamente a isso, ela espalhou o boato sobre o livro e começou a fazer propaganda de seu conteúdo alegando que o fato testemunhado já estava espalhado para todos os lados.

A primeira bomba ideológica, como foi chamada esta difusão, se tornaria um fator de promoção para a obra pronta. Esta versão acabou sendo nomeada bomba ideológica devido às suas características como primeira divulgação e por ser a primeira investida de refração dentro da linguagem da dominação, ou seja, dentro da *“Matrix”*.

Nesta primeira versão do livro, a autora estava sob fortes pressões psicológicas e, por isso, transpôs a sua personalidade para a personalidade que possuía aos 5 anos de idade. A primeira versão do livro não foi escrita pela Sáskia adulta, mas sim, pela garotinha, que chamava os deuses do controle de “bichos papões”. A evasão psicológica da garotinha foi observada e direcionada por ela mesma, que, naquele momento, necessitava da ousadia que já havia conhecido quando criança e que lhe seria útil naquela situação extrema.

Esta nova versão do livro, *“O Contradominismo: o Despertar do Gigante”*, finalmente cristalizou a posição de seus capítulos e a autora adquiriu uma espécie de compromisso de não se afastar muito da forma tomada. Por isso, o livro criou a figura do pós capítulo. Os pós capítulos são capítulos com o mesmo tema do capítulo ao qual se vinculam, mas com uma linha de aprofundamento maior.

Apesar de o livro ainda estar incompreensível, o fato de ser espalhado lhe garantiria um certo “potencial de inibir” até que ela pudesse terminá-lo. O problema maior é que a autora sabia que, em breve, não só a polícia corrupta (que a teve como testemunha) queria o mal dela, mas todos os dominadores, em geral, tenderiam em querer isso.

No meio do ano, mais uma vez, a autora sentiu que havia um cerco se fechando ao seu redor, provavelmente eram seus inimigos que iriam atentar contra a sua vida. Aconteceram fatos, mas sempre acompanhados de muitas “coincidências” que asseguravam total proteção para a autora. Os fatos que a autora assistiu foram ações do tipo ameaças de atropelamento, mas eram totalmente frustradas por circunstâncias diversas. Essas situações mostraram que havia toda uma quantidade peculiar de pessoas que aguardavam notícias sobre o desfecho destas ameaças. Isso pareceu para ela um verdadeiro “coliseu invisível”.

Conforme efetuava a correção e a reestruturação do livro, os *“insights”* da autora iam se acentuando e, conforme iam se intensificando seus *“insights”*, a autora ia adquirindo maior segurança em relação aos conhecimentos recebidos. Próxima ao dia 16/08/2016, a autora sentiu que teria que sair em campanha, quando teve o *“insight”* do pós capítulo *“EVA X MARIA”*, cujo significado lhe foi revelador. A autora, então, saiu em campanha com 70 maços deste texto, os quais relacionou com a passagem de Lucas 10:1, mas não o fez intencionalmente. Pensou que este seria o texto de sua campanha, entretanto, ao tentar sair de casa, descobriu ser o texto que lhe daria a chave de sair. Seu filho quis discordar de sua saída, até que leu o texto e ficou mais tranquilo, concordando que saísse. O número do material que tinha em mãos seria o que lhe serviria de norte. Estes números eram sempre pontuados de coincidências que adquiriam significado para autora.

Juiz de Fora foi a primeira cidade em que a autora esteve. Ela sabia ser ali um reduto forte da maçonaria. E, a primeira razão que viu em estar ali, era o fato de o meio sonoro do lugar ser despoluído, possuir menos interferências de ruídos, principalmente os ultrassons e a alta frequência em geral. Há algum tempo a autora já sentia estas interferências em seu local. Ali, entretanto, o ambiente era livre delas. Nesta cidade, após a autora distribuir seu texto que falava de EVA X MARIA, ocorreu que ela ficou sem material e recebeu o *“insight”* da teoria do duplo seis.

Para digitar foi pega de surpresa, pois não estava bem equipada e não havia tempo. Assim, digitou, usando como ferramenta um precário bloco de notas do computador. O equipamento, por sua vez, colaborou com o texto, porque não admitiu correções após escrito, ficando, em seu acabamento, cheio de erros. Isso aconteceu em conjunto com outras coisas que a autora não conseguia compreender, mas hoje compreende. Eram escritos de conteúdo muito profundo que ela só entenderia mais tarde, através de pesquisas e deduções. Entretanto, a autora sabia que teria que panfletar este texto mesmo assim. Era uma prova de fogo até contra a sua vaidade.

Ainda em Juiz de Fora, interagiu com um esquizofrênico morador de rua e este reagiu bem à teoria do duplo seis, o que fez a autora pensar na razão de cura daquela teoria. O que parece é que, por trás da esquizofrenia adquirida está a teoria do duplo seis e, também, o medo do desconhecido que faz a esquizofrenia se desenvolver. Com este ponto de vista ela fortaleceu ainda mais a tese de que as patologias psicológicas humanas são resultantes de raciocínios errados que a nossa sociedade alimenta intencionalmente e que se materializam em diversas doenças por causarem lesões químicas (funcionais) ao cérebro, e por via de consequência lesões físicas também.

Neste encontro lírico, a autora assumiu um papel leve, dançava ao som de seu próprio assobio. Assobiava um mantra havaiano e era seguida por esta pessoa (que era esquizofrênica), com a qual interagira. Ela havia perguntado se ele desejava a cura, ele respondeu que sim. Naquele momento, ela ignorou as pessoas em volta e prosseguiu conversando e fazendo cenas com ele até o local onde ela teria que tirar a xérox. Ela tinha saído com 3 cópias de matriz do hotel para facilitar. Enquanto dava os comandos quanto às xérox que desejava ao atendente, ela massageou a cabeça do homem morador de rua, fazendo manualmente uma estimulação transcraniana rodeando as orelhas na direção do seu hipotálamo. Conferiu se a pessoa realmente queria a cura, conversou com ele que se ele se dedicasse ele encontraria a cura e começou a ler o texto para esta pessoa. Conforme lia reparou que as pessoas em volta ficavam impressionadas por aquela cena parecer irreal. Apesar disso, os dois envolvidos prosseguiram na sua interação. No final, a autora não poderia continuar a leitura em voz alta, pois chegava ao ponto em que entregava o segredo da teoria do duplo seis. Assim, recomendou ao homem que fosse se sentar no parque Halfeld para acabar de ler. A teoria do duplo seis é amplamente usada pelos dominadores. A autora não sabe com que nome a conhecem, mas sem dúvidas a conhecem, porque o diabo é um deus do controle. Assim sendo, os controladores têm que conhecê-la para controlar. Maçons são dominadores que podem ser perigosíssimos também, e ali era um reduto de maçons. O Homem, então, saiu com o folheto na mão para a rua, o que ao final o atendente falou: “Ó lá, ele parou” ao que ela respondeu: “apenas parou para pensar, já vai continuar”. Então, o homem que lia, fez um sinal com a cabeça, como que entendendo algo e prosseguiu a andar. Já não era mais o mesmo homem, parecia um homem lúcido. Pode ser que alguém estranhe sobre esta estória ser contada em terceira pessoa. Mas aquela pessoa não é esta que escreve, ainda que na prática seja, ela era um anjo tomada de tudo o que há de melhor em sentimentos.

Durante todo o tempo em que a autora esteve nesta campanha do meio do ano de 2016, utilizou-se muito de teatro de rua. Além do mantra havaiano retirado do filme “Lilo e Stich”, outro mantra que ela usou muito e que embalou esta campanha foi, em ritmo de rock, “A alegria está no coração de quem já conhece a Jesus” – cuja letra diz: “A alegria está no coração de quem já conhece a Jesus /(repete)/ O sentimento mais precioso é o amor pelo Senhor/ É o amor de quem conhece a Jesus.” A autora, na época, seguindo os ensinamentos bíblicos, optou por levar apenas dois conjuntos de roupas para revezar. As roupas eram uma calça jeans com uma blusa branca transparente, que mostrava a frente única branca por baixo, e um sapato tipo *mocassim* azul marinho. Estas roupas eram revezadas com outras com as mesmas características. Ainda em Juiz de Fora, enquanto fazia a divulgação da denúncia de pulverização de radioatividade na atmosfera, percebeu que este era um assunto bastante conhecido do local.

Ao sair de Juiz de Fora, ela guardou os 3 textos de matriz para fazer cópias e ficou com 8 textos na mão. Ela sabia que estes 8 textos lhe dariam o direcionamento correto, pois havia sido a sobra do material panfletado. Isso ocorreu como nos primeiros maços, que tinham sido o gasto de toda a tinta e de todo papel que ela tinha em casa. No primeiro pedágio onde passou, havia exatamente 8 pessoas. Hospedou-se num hotel neste local. Neste hotel, em Miguel Pereira (Estado do Rio), pode observar um tratamento propício para a síndrome do pensamento acelerado. O ruído que se fazia desde o início do curso do trem até o seu fim causava um lapso no fluxo do pensamento, porque obrigava o ouvinte a prestar atenção durante um tempo razoável. Isso freava o disparo compulsivo de questionamentos que a síndrome do pensamento acelerado produz e limpava a memória retirando os tormentos. Por via de consequência, esta simples mecânica era o gatilho da própria cura da síndrome do pensamento acelerado.

A autora, observando isso, buscou rapidamente adaptações eficientes para auxiliar neste tratamento. O segredo deste exercício é produzir uma toada através de uma flauta ou através dos próprios lábios num “u” levemente fechado, expirando de forma lenta, e aguardar até que o ar se acabe. Aguardar o término do som que não se sabe o momento em que ocorrerá é o “x” da questão. Essa prática é algo parecido com o “om” budista, mas com uma utilização mais especificada sobre a atenção, visando apreender o momento exato em que o ar se esgota nos pulmões. O objetivo deste exercício é fazê-lo com a maior demora de tempo possível, de modo que nem mesmo a própria pessoa, que produz este som, saiba quando ele vai acabar e, devido a isso, ela retém a sua atenção.

A própria autora necessitava acabar de curar sua síndrome do pensamento acelerado. Ela já tinha, inclusive, um amigo que aguardava uma solução neste sentido e, com o seu retorno, esse amigo já pode usufruir dessa solução em primeira mão. O Jovem lutava contra o vício do remédio “clonazepam” e aguardava uma resposta da autora a fim de passar para uma segunda fase e se livrar da síndrome do pensamento acelerado segundo a neurolinguística. Logo que a autora retornou, ela recebeu uma mensagem deste conhecido. Ele avisava que havia se livrado do clonazepam e, assim, ela lhe transmitiu a etapa final do tratamento, que era esta aprendida neste hotel.

O hotel em que ela se hospedou possuía um sistema de “contagem de bolas” extremamente opressivo e que sacrificava um funcionário em especial. A autora discutiu com o dono do hotel, que era uma pessoa por quem tinha se simpatizado muito. Entretanto, fez isso como forma de acordá-lo, pois tinha que criar uma situação para ajudá-lo, senão vislumbrou que ele iria à bancarrota além de sacrificar a vida daquele funcionário. A autora apostou no fato de dar “um susto” nele. E, por isso, fez um teatro em que se dizia desrespeitada pelo sistema de bolas. Realmente era um desrespeito, mas a razão por que falava não era ela. Falava pelo próprio hotel e por aquele funcionário que estava com sua vida sacrificada.

Em Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro, ela panfletou a teoria do duplo seis em escolas e no comércio. Fez isso ciente de que seu texto estava com incorreções, como dito, mas que deveria ser panfletado mesmo assim. Utilizou-se de um “mototáxi” para percorrer a cidade e colocar panfletos em escaninhos de professores pelas escolas da cidade.

Em Niterói (cidade do estado do Rio de Janeiro), viu várias situações em que as pessoas eram represadas e impedidas até de se comunicarem em razão das relações de emprego. Ao parar em um pedágio com os panfletos na mão, viu uma dessas situações. Um vigilante veio em sua direção, dizia que ela não poderia panfletar e que ele teria que impedir isso. Ao que ela respondeu: “Então você tem que me impedir? Ok, então eu saio correndo na frente e você sai atrás gritando: ‘Senhora! Senhora! Senhora!’”; e saiu correndo pelas guaridas, entregando os panfletos, enquanto o rapaz corria atrás gritando: “Senhora! Senhora! Senhora!”. Como sempre o número de folhetos na mão dela foi exato.

A noite se divertiu na areia da praia em São Francisco enquanto dava a hora do pernoite no motel e notou todo um espaço que poderia estar sendo usado pela população. Entretanto, a população se encontrava encarcerada em suas próprias casas. Meditou que este espaço era abandonado por causa do terrorismo de rua. As pessoas acreditavam que as ruas eram violentas ainda que não vissem nada acontecer e, por isso, não as frequentavam.

No dia seguinte, preparou material para panfletar na UFF – Universidade Federal Fluminense – e panfletou entre professores e alunos, já que era o local de sua primeira faculdade, um reduto seu, por assim dizer. E tudo isso se passou sem meios de corrigir o texto, permanecendo ele com as mesmas imperfeições.

Mais uma vez parou para arrumar o material, fez mais cópias e arrumou os blocos em sacolas plásticas alternadas para facilitar a distribuição. Desta vez dormiu no carro. Ficou até 2 horas da manhã no banco de trás do carro trabalhando e às 4 horas da manhã partiu para o Rio de Janeiro, onde iniciou a panfletagem desde os primeiros trabalhadores do centro da cidade. Panfletou desde o início da avenida Rio Branco até as redondezas do teatro João Caetano. Quando chegou neste ponto, observou coisas interessantes. Foi interessante notar-se num reduto asiático, onde havia pessoas falando entre si em línguas asiáticas, provavelmente mandarim, e pessoas que não sabiam, sequer, falar português.

Por último, chegou em um “café” ao lado do Gabinete Real Português. Um pouco depois, distribuía os últimos panfletos que estavam sobrando em suas mãos. Só restaram 2 panfletos e seriam distribuídos entre 4 pessoas ocupantes de uma mesa. Os ocupantes da mesa se interessaram pelos panfletos, o que chamou a atenção da autora, pois os asiáticos em geral não sabiam ler em português. Isso, sem contar a mística que envolvia sempre as suas últimas peças de panfletagem. Quando ela entregou o último panfleto, viu um filme minuciosamente contado sobre a forma de como deveria agir. Aquele que havia pegado o panfleto, tinha, tatuado entre o polegar e o indicador, algo que lembrava o símbolo da Yakuza visto em filmes. Esta posição da tatuagem de flor, inclusive, pelo que se fala, é a identificação de matadores. Os dois grupos de dois homens se juntaram avidamente para analisar o panfleto tão logo a autora o entregou. Este símbolo, que foi visto pela autora com pressa e sob tensão, se parecia com o pertencente à terceira maior família da Yakuza, *Inagawa-Kai* 稲川. Isso fez a autora acreditar que pudesse ser um símbolo da Yakuza. Entretanto, a situação não permitiu que ela visse com nitidez e era um símbolo que se aproximava, também, de uma flor de lis e, aí, terá uma abrangência maior que poderá significar outras máfias. O palpite aqui é que seja de uma máfia chinesa, apesar de ter sido falado Yakuza na primeira edição.

Ela teve que se controlar para manter a calma em primeiro lugar. Ela fez isso para que pudesse chegar até a esquina sem parecer nervosa, e isso era necessário, pois, o panfleto fazia referência à “Fênix Vermelha”, algo que, pelo entendimento de todos, os chineses estão doidos para matar. Este era um dos erros os quais a autora pensou ter escrito apenas por prazer estético e que não tinha conseguido apagar juntamente com a referência à Papisa Branca. Como ela já tinha recebido alguns avisos espirituais, ela entendeu que teria que correr daquele grupo, e muito! Quando a autora chegou na esquina a qual estava reservada para correr com todas as suas forças, viu o homem para quem tinha panfletado chegar bufante à rua procurando-a com os olhos, exatamente como já havia visto em filmes, mas jamais imaginou que essa cena aconteceria com ela. Enquanto andava, já tinha retirado algumas características em acessórios das roupas que vestia. E, assim, saiu da vista daquele homem discretamente para só depois correr com todas as suas forças. No final da via que havia pegado, seu fôlego se esgotou (a autora é cardiopata) e neste exato momento veio um táxi da rua que fazia interseção com aquela. Ainda soltava o ar da primeira respirada forte que deu, quando esticou o braço e, incredivelmente, saiu dali por este automóvel.

A autora ainda prosseguiu fazendo a sua campanha, mas, naquele momento, acabava de se aprofundar nas constatações que antes, para ela, eram abstratas. Isso, porque, ao final do ano anterior, quando estivera no Rio de Janeiro, descobriu que a China estava sitiada ao lado do Gabinete Real Português. Na época ela não deu importância a isso. Mas não tinha entendido que ali havia uma estrutura. Quem é a China? Isso era o que a autora não concretizava. A China não é exatamente a China. A China, neste caso, era, especificamente, a máfia chinesa, que ultrapassa fronteiras de países. Poderia ser também a máfia japonesa tendo em vista ser apoiada em estruturas familiares. Esta estrutura é bem visível, já que existem famílias inteiras que não leem em português, bem como há escravos que sequer falam em português. De tanto representarmos e fazermos filmes, o concreto nos parece abstrato, entretanto, a presença da máfia chinesa no Brasil é bastante concreta e isso, igualmente, tinha que ser salientado.

Retornando para casa, a autora percebeu que sua internet estava “hackeada” e seu telefone de casa estava grampeado. Assim, inseriu a teoria do dois seis em seu pós capítulo e lançou a sua segunda bomba ideológica no dia 16/08/16, através da rede de e-mails da justiça federal. Fez isso exatamente da mesma forma que havia feito antes (a data anterior tinha sido o dia 06/01/2016), só que agora o livro já permitia ser compreendido, apesar de ainda estar inacabado.

Depois desta segunda bomba ideológica, a autora teve consciência de como eram grandes os interesses existentes por trás de deuses de controle tal qual o diabo. Aliás, a autora teve consciência da existência dos deuses do controle, algo que ela não poderia imaginar antes. Isso lhe instruiu a escrever o último pós capítulo do livro, “DECODIFICAÇÃO DO APOCALIPSE – Sincronia X Anacronia”. A chave de leitura do livro do Apocalipse se apoiava sobre a existência de 4 seres viventes. Estes quatro seres viventes referiam-se a 4 deuses do controle: o leão, o bezerro, o bicho com cara de gente e a águia voando. Através da decodificação do Apocalipse há a previsão da terceira guerra mundial e o retorno de Jesus Cristo, em 13/11/2017. Neste momento, esta data já é mais uma vencida nesta luta.

A obra adquiriu seu formato em final de 2016, no entanto, a sua primeira edição em 2017, também teve que ser publicada com erros grossos. Apenas dois anos depois, após a autora efetuar várias traduções literais do livro, ela conseguiu que o livro original em português assumisse uma forma mais neutra e universal. O resultado deste trabalho é a segunda edição. Com o fim do livro, e o vencimento das últimas datas de risco em 13/06/19 e 16/07/2019 (final do prazo de 50 anos dado ao homem a contar do seu lançamento à lua), a autora chega à convicção de que a destruição que é narrada no Apocalipse será impedida. Isso mudará toda uma forma futura de vida com os pensamentos contidos aqui, pois toda mudança que precisamos é apenas moral. Todo o resto já temos. As datas ultrapassadas, entretanto, para bem pensar, significam que há perspectivas positivas se abrindo para nós no sentido de impedir que a destruição aconteça. Estamos mais próximos de uma possível vitória universal.

O livro “O contradominismo – O despertar do Gigante” é um livro de pesquisas, denúncias e debates que se propõe a, na pior das hipóteses, enfrentar a situação atual deste período e ingressar na justiça após seu término. Isso poderá, também, ocorrer durante a sua divulgação. O livro traz muitas denúncias. Mas a intenção maior é “botar a boca no mundo” e testar até quanto podemos falar “nisso” que chamam de “democracia”. A obra se tornou, igualmente, um livro de direcionamento messiânico e apocalíptico. Seu conteúdo é muito vasto. Ele faz críticas fatais à psicologia moderna e propõe novas linhas de tratamento mais claras, nas quais haja o objetivo de resgatar a identidade individual e não apenas o objetivo de direcionar o indivíduo a ser inserido no grupo social.

Os recortes de revistas e jornais apresentados aqui embasam a grande parte das conclusões que estão contidas neste livro que, igualmente, faz um debate da situação política e jurídica do Brasil ao longo de sua história.

“O contradominismo – O despertar do Gigante” utiliza a intertextualidade entre textos filosóficos, documentários, análises ideológicas de filmes adultos e filmes infantis, comentários em relação a atores, músicos e programas de televisão. O livro também faz a correlação entre a estória mundial e o atual cenário político do período narrado aqui, entre outras coisas. Enfim, é um livro vasto. O leitor tem que se concentrar em que capítulo está lendo e quais são os questionamentos daquele capítulo, pois ele trata de muitos conteúdos que se relacionam livremente sem se ater necessariamente a uma área. Os capítulos dele são independentes e harmônicos entre si, podendo ser lidos aleatoriamente.

Contradominismo significa a ideologia que é contra aquilo que o livro nomeia de “dominismo”, a dominação doentia. O dominismo é a mania ou ideologia que prega ser necessário existir um indivíduo sendo dominador e um indivíduo sendo dominado. Gigante é o corpo místico de Jesus Cristo, os cristãos. Isso não é sem razão, é em razão da ideologia cristã ser a ideologia que prega contra a dominação doentia. Jesus Cristo é “O Libertador”, donde a ideologia cristã ser a ideologia que prega a libertação humana em todos os sentidos.

Este livro é, basicamente, uma obra de resistência que chegará às mãos do leitor primeiro virtualmente, mas promete, em breve, chegar também graficamente. Um livro que pretende alcançar os corações, mas que se não conseguir terá que enfrentar esta situação através da justiça. Por hora, qualquer pessoa poderá copiar o livro em seu computador ou imprimir-lo livremente, sem nenhum custo. Quando houver a segunda edição, com a correção final, adquira um exemplar para a sua biblioteca pessoal. O livro, está disponível para leitura pública através do site www.contradominismo.com.br. São oferecidos os seguintes endereços para contato:

Endereço físico – Sáskia Carneiro Rodrigues – Av. Pedro Silveira, nº 68, centro, Distrito de Comendador Venâncio, Cidade de Itaperuna/RJ – CEP 28348-000

- e-mail saskiacarneiro@gmail.com, ou saskiacarneiro@yahoo.com.br .

- telefone fixo: 0 (XX) - (22) 3847 - 3163. *

- WhatsApp: 0 (22) 99279 – 5886

Boa leitura.

* XX significa operadora de telefonia. Estes números poderão ser 21,31,15, entre outros.

Nota - segunda edição - VERSÃO FINAL

Em termos de técnica literária, este livro segue a mesma que foi utilizada no livro “O lustre” de Clarice Lispector. Nesta técnica, os conceitos são apresentados como se fossem sendo efetuadas pinceladas sobre um quadro numa pintura. Essa forma de apresentação vai imprimindo maior clareza e profundidade à pintura, tornando esta pintura com uma aparência cada vez mais concreta, mostrando mais a paisagem. Alguns assuntos são retornados ao longo do livro, algumas vezes, repisam informações sobre outros enfoques. A partícula JÁ é diretamente retirada de “O lustre”. Entretanto, aqui, além de se referir ao tempo mínimo, se refere também a Deus, como sendo o Senhor do tempo e, também, deste mínimo. Apontamos, então, para a religião da boa conduta, Rastafari.

Para a edição final do Contradominismo a autora teve que desaprender algumas coisas também, ou mais precisamente, algumas coisas que foram aprendidas na escola, tais como o uso dos pronomes pessoais oblíquos, o uso das ênclises pronominais e, também, o uso de palavras que resumem muito (etc.), entre outras. Resumindo, foi necessário desaprender um pouco da chamada língua erudita, já que este livro busca a língua corrente. Como a linguagem erudita é aprendida na escola, o que se entende aqui é que seu excesso serve mais para não comunicar do que para comunicar propriamente dito.

Tendo em vista que este livro busca reproduzir o português corrente, na sua primeira edição, ele usou muitos diminutivos. O diminutivo faz parte da linguagem corrente do brasileiro porque o brasileiro é um povo muito afetuoso. Diríamos que são traços do mamãe/-ês (mamãe e português), que é a linguagem das mães para os bebês. Este tipo de linguagem parece ter sido herdado da linguagem mais anasalada dos africanos, talvez das amas de leite, que serviam a múltiplas crianças. Esse anasalado também pode ser de traços da linguagem dos nativos das selvas brasileiras, tais como as falas da língua Tupi-Guarani. Entretanto, é, também, uma linguagem de submissão. Assim sendo, não podemos dizer que seja uma linguagem totalmente natural do brasileiro. Sua origem também poderá estar ligada à manutenção de uma espécie de hierarquia para a qual os brasileiros são menores. Digamos que, independentemente de suas origens, este aspecto de linguagem também atrapalha muito a comunicação e, também, é um aspecto isolado do português do Brasil. Em razão disso, esse traço também teve que ser retirado o máximo possível.

Professores de português, caso tenham um exemplar da primeira edição para comparar, se quiserem, terão excelentes exemplos para ensinar seus alunos a partir dos erros cometidos lá. Afinal, ver erros corrigidos é o que mais nos ensina sempre. Foram 1000 exemplares publicados e distribuídos, quase todos, gratuitamente. Na realidade, estes exemplares eram panfletos de propaganda. Eles foram distribuídos para resguardar o término desta edição que está sendo apresentada aqui. Quem comprou um exemplar destes que continha erros, ou o recebeu gratuitamente sob a forma de panfleto, poderá receber em seu lugar um exemplar da segunda edição do livro corrigido, basta pedir a troca. Para isso, é suficiente enviar o exemplar da primeira edição para o endereço no fim da página anterior. Dentro do envelope, junto com o livro, o interessado deverá enviar um outro envelope preenchido com o seu endereço para receber o livro. Este envelope para retorno, deverá ter um tamanho suficiente para o livro e, também, já deverá ter nele os selos dos correios para ser remetido com facilidade. Qualquer dúvida pede-se entrar em contato por e-mail, telefone ou WhatsApp.

Mais uma vez, tenho que dizer que sinto muito ter feito uma publicação repleta de erros. Entretanto, mais uma vez, reconheço a sabedoria divina fazendo a condução da estória deste livro, pois este livro não se resume em sua edição em língua portuguesa, como dito. Este livro se pretende um estudo comparativo das línguas com regras rígidas para tradução a fim de que não seja pervertido em significado. Assim sendo, também tinha que permanecer com seu entendimento mais perfeito em segredo a fim de viabilizar a apresentação também das traduções anexas. As traduções anexas são traduções precárias e literais. Estas traduções são apenas uma base em vias de serem passadas para traduções livres em mais 4 línguas além do português. Por enquanto, elas são apenas bancos de palavras nestas línguas. São elas o espanhol, o inglês, o francês e o chinês. Este último ficou com a tradução mais precária dada apenas pelo Google tradutor. O livro, na integralidade, ainda tinha que ficar encoberto por ter muito o que fazer e isto, isso era conflituoso, porque as denúncias tinham que ser espalhadas a fim de produzir inibição.

A linguagem não comercial e a aparente entrega definitiva do trabalho vieram a impedir que o livro fosse atacado de forma frontal. O livro, com aparências de publicação definitiva, não seria identificado como sendo capaz de alterar esta realidade, dando uma espécie de tranquilidade em seus opositores. Agora, a verdadeira entrega definitiva é feita. Então, tais erros foram muito providenciais, possibilitando o término do livro às ocultas, ainda que estivesse bem debaixo dos olhos de todos. Assim, esta publicação com erros tinha que ser feita e ser exatamente da forma como foi feita, por isso, nada pude fazer, este era o único caminho.

Comendador Venâncio, 26/05/2019.

NOTA AOS ATEUS

Fui ateia convicta por 8 anos da minha vida.

Para mim, o deus descrito pelas pessoas não fazia qualquer sentido lógico. A existência de Deus, de acordo com o que era descrito, possuía em minha mente possibilidades que eram remotas, minguadas e, também, improváveis, pois destituídas de provas.

Entretanto, vendo pessoas cristãs, que, muitas vezes, não sabiam que levavam uma vida em santidade, eu queria ser como elas, pois elas eram felizes de uma forma simples.

No tratamento psicológico que eu fiz com o meu professor vingou o clichê: “Eu queria acreditar em Deus, mas não acredito.” Essa era a minha fala.

Da parte do meu professor, vingou o clichê: “Incrível você ser ateia, porque você é uma perfeita cristã”. Ele via que meus conflitos vinham de ferir os valores cristãos.

Assim, os ateus não estão fora da defesa deste livro, muito pelo contrário. No corpo do livro esclarecemos que ateus são excelentes críticos dos discursos mal feitos dos religiosos, porque os discursos dos religiosos são regamente criticados aqui.

Todos os caminhos levam à verdade, por isso, a busca dos ateus é muito bem-vinda aqui, porque o que buscamos é a verdade atingida em grande alcance, a qual, neste livro também chamamos de Deus.

Como instrução de leitura para um ateu, é desta forma descrita acima que a palavra “Deus” deve ser lida. Isso é diferente da palavra “deus” com “d” minúsculo que se referirá a um desvio desta verdade, um conceito falacioso do conceito maior. Para um ateu, se for o caso, basta adaptar a forma de leitura para não se irritar, ainda que eu seja uma perfeita cristã, como dizia meu professor. Só que agora, pelo ponto de vista do ateu, peço que tenha tolerância comigo, nesta minha paixão por Jesus Cristo.

Inclusive, não se espante, se você, sendo ateu, não enxergar o que criticar neste livro, além de ter tolerância com a minha fé. Principalmente porque religiões aqui não são vistas como coisas de igreja, mas sim como agremiações políticas com finalidade de separar pessoas. Assim, temos que fazer como verdadeiros ateus fariam, nos unir, apesar de entendimentos religiosos, pois entendimentos religiosos são coisas muito individualistas, cada um tem o seu. As pessoas têm fés diferentes, ainda que estejam lado a lado num banco de igreja. Ao mesmo tempo, os bons pouco se importam com fronteiras de religiões, porque tudo o que é bom mesmo não possui fronteiras.

Assim, sejam bem-vindos ateus ou simplesmente pessoas com fortes dúvidas, que assim seja para que possamos encontrar a verdade real e não uma verdade parcelada.

Para os irmãos Maçons

Durante muito tempo da minha vida fui apenas católica e evitava pensar em fundamentos espíritas. Meu “marido” tinha síndrome do terror noturno e, quando isso acontecia, algo me dizia que se eu o colocasse para dormir, eu receberia uma mensagem de algum espírito próximo. Assim eu fiz, e assim se sucedeu.

Meu pai era maçom. Defendeu a teoria dos maçons em vida e isso fazia dele um tirano. Ele tinha dúvidas quanto à pessoa de Jesus Cristo e acreditava que existiam segredos escondidos, donde tentava aprofundar-se lendo muitos textos. Os textos, entretanto, o tornavam cada vez mais confuso, fazendo com que ele entrasse em rota de colisão com seus próprios objetivos sem alcançá-los.

Enquanto isso, pregava a prática da mentira e não falava uma palavra de verdade. Ele tinha a certeza da existência do diabo e, por isso, se comportava como um diabo. Ele passava com o carro em poças de água para jogar água nos pedestres. Ele jogava gatos de lugares altos para vê-los caírem de pé. Ele dava gatos para cachorros para vê-los brigarem e correrem.

Seu nome quase seria Emanuel ao contrário, faltando o e, e terminando em n. Como advogado, gostava de dizer que estava do lado do diabo, até porque assim não se culpava pelos seus erros e tinha a consciência tranquila. Levava seus clientes em nossa casa e os tratava com alegria e atenção sem distinção de pessoas. Eles às vezes eram milionários, às vezes eram pobres que lutavam contra o despejo, às vezes eram prostitutas, às vezes eram matadores. A faixa de pessoas era bastante larga, mas todos eram tratados com muita alegria e amizade. Contava histórias engraçadas jurando que era verdade, mas piorando as mentiras e às vezes, quando era interrompido, dava vários finais, o que fazia a história ficar mais engraçada. Algumas vezes, ele roubava o dinheiro de seus clientes, piorando, a situação das pessoas ao invés de melhorar. Seus clientes, por sua vez, eram roubados felizes e não o deixavam por nada. Ele tinha poderes mentais de persuasão que faziam as pessoas falarem e pensarem o que ele queria. Depois do lançamento do filme “Star Wars”, seus 8 filhos conhecidos, com 3 mulheres diferentes costumavam dizer entre si que ele se parecia com um “Jedi”. Ele era bruxo e fazia vários rituais. Usava símbolos, palavras chaves e usava gestos que o faziam visível para toda uma multidão de pessoas, que o tratavam com um respeito imenso, os maçons. Ao mesmo tempo, ele era um católico fervoroso que solava os cânticos da missa das 7 horas da manhã de domingo. Ele era também um “*bon vivant*”, gostava de ambientes luxuosos, hotéis caros, boa comida, boa bebida e muitas mulheres, talvez uma mulher diferente por dia. Sua família, entretanto, estava sempre em dificuldades por causa disso. Era, ainda, uma pessoa contraditória que pensava lutar pelo bem e expulsava demônios quando as pessoas eram tomadas por eles.

Desde a minha mais tenra infância, lutei amorosamente contra o gênio destrutivo de meu pai. Colhi de nosso relacionamento os frutos positivos e ataquei com uma certeza implacável os seus frutos negativos, enquanto via a maior parte dos outros filhos desistirem dele. Por fim, rompi com ele por nove anos e só depois de passados estes anos o vi se reaproximar de mim mais humilde e cuidadoso com as suas palavras, atento a calar quando eu o reprimisse. Parecia farto de sua vida vazia e querendo encontrar o verdadeiro sentido da vida. Ele começou a perceber que não tinha o amor de seus filhos e começou a tentar viver uma vida diferente. Entretanto, isso era difícil porque ele já era viciado em uma vida errada.

Em seus últimos dias de vida carnal, ele se aproximou das testemunhas de Jeová e o último livro que ele leu falava sobre o amor de Deus. Começou a fazer esforços contínuos para tentar se aproximar dos filhos. Além da mulher com quem era casado no papel passou a ter apenas um relacionamento.

Depois do evento da morte de seu corpo, o Senhor me mostrou neste sonho onde ele estava. Ele estava atormentado passando em várias partes do mundo e querendo compartilhar o que estava vendo, pois, conhecer o mundo era um sonho antigo dele. De repente, quando ele estava na China, muitas sombras tenebrosas foram na direção dele para levá-lo para o inferno. No sonho, sua namorada, Cecília, me dizia: O que aconteceu com o Leonan? Ele morreu!

Eu, então, me volvei para ajudá-lo. Me aproximei e seu rosto clareou como se visse uma luz. Senti que ele me reconheceu. Apelei, então, para a teoria totalmente contrária à dele, a qual ele também conhecia, que era a teoria das testemunhas de Jeová. Disse-lhe, “Papai, o senhor morreu. As testemunhas de Jeová acreditam no sono dos justos. Durma”. Neste momento ele concordou comigo e sorriu mostrando um leve sim com a cabeça e viu-se deitado em sua posição favorita para dormir, caindo vertiginosamente, mas com paz, na cama onde estava quando seu corpo morreu.

Depois disso, vi onde ele realmente estava e era um hospício. Lá as pessoas estavam nuas e andando aleatoriamente. Algumas pessoas comiam terra levando a boca diretamente ao chão. Havia um palco com três ou quatro mulheres, que não dava para ver se estavam vestidas, mas tinham coisas nas mãos com as quais se ocupavam. Entretanto, todas as pessoas que estavam ali não se enxergavam. Eu ainda não havia me aprofundado nos estudos de Chico Xavier de modo que passei muitos anos sem entender este sonho.

Após aprofundar meus estudos por causa deste livro, me transportei mentalmente para onde ele estava, senti pegar sua cabeça caída na cama em minhas mãos e disse-lhe, “Papai, acorda, você não está onde pensa. Você está num hospício vendo coisas. Quem acredita em mentiras vê mentiras. Lembre-se de mim como um referencial de verdade para que o senhor se recupere! Têm muitas outras pessoas aqui contigo. Em se recuperando, vá ajudando estas pessoas que estão na mesma situação que você”. Neste momento, senti um sim debilitado com a sua cabeça, como se aquele apelo para ajudar pessoas lhe desse um pouco de ânimo. Eu disse, “a saída daí é o arrependimento, veja tudo o que o senhor fez e se arrependa, porque o senhor fez muita besteira. O senhor foi um viciado do pior tipo, porque o senhor foi viciado em sexo, isso é muito ruim, faz diferença. O senhor tem que se arrepender porque isso fez mal a muita gente.

Fica a lição. Quem acredita em mentiras, por mais capaz que seja, não tem as verdadeiras bases para construir o pensamento, pois a mentira é como uma rua sem saída que não vai dar em lugar algum e vai se interromper em algum momento. Quem acredita no que não existe causa sua própria inexistência.

Todas as instituições são feitas por pessoas, a maçonaria não é diferente, por isso meu apelo aos maçons. É hora de chamar os irmãos maçons, consanguíneos ou não - pois somos irmãos sim, mesmo que eu seja uma mulher - para que sejam arquitetos junto com O Grande Arquiteto do Universo, ao invés de ficarem atrasando sua obra em nome de uma dominação milenar pelo sexo, que não faz sentido.

Sobretudo, chamo os irmãos maçons a lerem este livro, porque os considero pessoas instruídas e inteligentes. Se é assim, terão plena capacidade de experimentar com suas próprias mentes o que é falado aqui.

Não fiquem contra mim antes de lerem este livro, pois depois de lê-lo também não vão ficar. Todos querem a verdade, e a verdade é algo que todos podem alcançar com suas próprias cabeças. Por isso fica entregue esta obra para que assim seja.

NOTA AOS IRMÃOS EVANGÉLICOS DE TODAS AS LINHAS

Minha avó era metodista e minha mãe era católica. Elas se amavam muito, mas viviam brigando por diferenças de crenças. Minha avó abandonou a igreja católica indignada com a idolatria de alguns católicos, enquanto minha mãe fazia promessas a santos. Eu vivia no meio de uma mistura religiosa tão grande que não sabia o que pensar disso. Me tornei atea entre os meus 15 anos e os meus 22 anos e, naquela época, tinha reingressado recentemente na fé, retornando à igreja católica. Estávamos eu e minha avó conversando relaxadas, quando minha avó duvidou de mim, pegou meu escapulário no pescoço, com as mãos trêmulas de irritação, e disse, “e isto, o que é isto?”. Ela queria dizer que aquilo era uma idolatria minha.

Comecei a contar para ela uma história sobre meu avô, “Mamãe (era como eu a chamava), você se lembra quando o papai (meu avô) me chamava de Gretchen porque me via dançando?” “Sim”, ela disse. “Pois é, isso deveria ser desagradável, porque eu não gosto da obra da Gretchen. Entretanto, eu ficava feliz, porque eu sabia que ele gostava muito da obra dela e quando ele via esta mulher dançar ele se lembrava de mim. Então, faça de conta que esta é a Gretchen, mas lembre-se de que é uma homenagem à mãe de Jesus Cristo.” Ela ficou muito feliz com a minha resposta e, dali em diante, passamos a orar juntas, eu lia os livretos e as passagens bíblicas dos folhetos diários com ela e conversávamos muito. De vez em quando eu a acompanhava nos cultos de sua igreja. Em termos de religião eu me dava melhor com a minha avó, que era evangélica, do que com a minha mãe, que era católica, apesar de frequentarmos a missa todo domingo. Após o evento da morte do seu corpo, sentia, por um tempo, como se ela estivesse confusa e perdida, me perguntando para onde ela iria. Eu me sentia impotente. Fiquei confusa. Mil coisas passaram pela minha cabeça, inclusive o eco de amigos evangélicos que diziam que todos os desencarnados eram demônios. Conversando em orações com ela eu lhe dizia que não sabia instruí-la porque eu nunca tinha morrido. Bem, pelo menos não me lembro de nada. Até que disse a ela que procurasse pelo papai, e depois não senti mais aquela mesma sensação. Depois de um tempo, vendo meu “marido” ter uma crise de síndrome do terror noturno, tive a convicção de que se eu o colocasse para dormir receberia em sonho uma mensagem de um espírito próximo. Assim eu fiz e assim se sucedeu. No sonho, ela veio até mim com olhos e voz sem expressão e dizia: “Olha, só vim dizer que eu estou bem, que eu estou do outro lado da ponte, mas que eles estão me tratando muito bem lá, e eu já estou inclusive doida pra voltar”. Por sorte, um pouco antes dela adoeecer víamos o filme “Ghost” (com Patrick Swayze) e eu tinha falado com ela, “quando morremos, somos como um motorista que sai de dentro do carro”. Hoje, penso que se não tivéssemos tido esta conversa mínima, talvez ela não tivesse se encontrado. Acreditar na vida eterna é acreditar na vida do espírito, que existe além desta carne. Um bom evangélico, também, não pode deixar de acreditar nisso. A linha de Chico Xavier é chamada Espiritismo Evangélico Cristão e defende, basicamente, que espíritos não são demônios nem anjos, são gente como qualquer pessoa. Para isso recebeu de Deus os dons necessários para dar sinais a milhares de pessoas, exatamente como Jesus disse em Mateus: 16, através do profeta Jonas. O profeta Jonas é uma história de reencarnação. Aceitar Chico Xavier é algo que não pode ser diferente. Evangélicos não acreditam em purgatório. Entretanto, através do profeta Jonas e de Chico Xavier Deus nos mandou um sinal de que a reencarnação é o purgatório, uma segunda chance. Não temos direito de sermos diferentes nisso. Razões de preconceito religioso são infundadas diante de tantas evidências. Nós não vemos isso é desrespeitar a Deus. Chico Xavier chegou a escrever cartas com a letra de espíritos. Além disso, estas cartas eram repletas de detalhes como nomes de parentes entre diversas outras coisas que eram reconhecidas, muitas vezes, pelas próprias mães destas pessoas falecidas.

A verdadeira palavra de Deus é a verdade. O verdadeiro evangélico, por consequência é aquele que busca a verdade onde quer que esteja.

Desde o final de 2015, quando eu comecei a trabalhar no livro, ia recebendo orientações que me eram dadas revestidas da minha memória de voz, mas que eu sabia que pertenciam a Deus de uma forma genérica. Sabia disso porque nenhum espírito conseguia manter um diálogo tão perfeito comigo dentro do meu próprio pensamento. Entretanto, eu via que era outra pessoa pois alçava pensamentos diferentes da linha que eu daria e lançava perguntas inesperadas. Inicialmente me disse “Fortaleça o amor”. Vi que estava sendo muito ríspida na minha forma de viver. Coloquei como senha em um computador e trabalhei em mim neste sentido. Em seguida, disse-me “apazigua minhas ovelhas”. Cai em mim que não estava apaziguando ninguém, em primeiro lugar, e me voltei para apaziguar. Depois me assustei, porque me lembrei que esta foi a última advertência a Pedro por parte de Jesus. Mas Pedro era o primeiro Papa. Quem era eu para receber uma orientação destas? Em ato seguinte, discutia, pensando que discutia comigo mesma, quando, falando sobre a guerra conclui, “Acho que não tem como acabar com isso se não destruir alguma coisa”. Do que eu recebi uma resposta irritada. “Não foi você quem fez para querer destruir”. Irada, tornei a replicar: “Espera aí, eu não quero destruir nada! Só não consigo ver como acabar com esta escravidão sem destruir alguma coisa!”. Depois me assustei mais ainda, porque me lembrei que este era o sinal dado ao Mestre Jonas e que foi dito que seria o único sinal dado a esta geração de adúlteros.

Em outro momento mais, senti sua desaprovação às minhas imagens católicas e quebrei todas as minhas imagens para mostrar que eram apenas imagens. Entretanto, fiz isso sob protestos. Por fim, quando fiz uma expulsão de demônios, conversando com eles e ensinando-lhes que o diabo não existia, Jesus ficou tão feliz que comemorou. Ele me mostrou sua presença humana apesar de permanecer invisível. Ver Jesus não apenas como espírito, mas também como homem foi um grande choque para mim. Minha mente ficou confusa tentando encaixar naquela experiência um número infinito de imagens que foram adquiridas em filmes por toda a minha vida, entre outras coisas mais. Então, finalmente eu compreendi o mal que as imagens nos faziam. Entendi o ponto de vista dos evangélicos. Estamos todos do mesmo lado. Católicos se deixam levar por imagens e isso é mesmo ruim, mas talvez ninguém tenha se dado conta de que o problema das imagens é maior do que o que se tem dito. Assim, como somos todos estudiosos da Bíblia, peço aos irmãos evangélicos que acolham esta obra que não é de nenhuma religião. Olhem com seus próprios olhos e pensem com suas próprias cabeças o que é dito aqui, pois aqui não há uma inimiga, há uma irmã. Quem ama a Deus tem que amar ao irmão, ainda que ele seja de outra religião. Os religiosos que acreditam em Deus não podem dividir seu reino como se pertencesse só a eles. Jesus enfrentou muito preconceitos por parte dos maus e dos religiosos também. Não podemos fazer como estes, que falavam que não podiam falar com outros povos e que falavam que não podiam fazer o bem no sábado. Reprimiam Jesus até por comer, quando antes diziam que João Batista era endemoniado porque não comia. Achar que não pode ouvir a opinião de outras pessoas não é pregar o verdadeiro Cristo, pois Jesus Cristo não se limitava a nada. Ninguém tem direito de limitá-lo por Ele. Se a igreja católica não era santa, Martinho Lutero e Allan Kardec igualmente não eram. Todos eles pertenciam a uma era em que se acreditava no sofrimento. O verdadeiro santo tolera o sofrimento apenas por missão; entretanto, detesta o sofrimento para o irmão. Jesus veio dar a sua vida a todos e veio para tirar o sofrimento de todos, porque todos somos filhos de Deus, independentemente de religiões. Deus está acima de livros de papéis ou qualquer outro material. Deus está acima de casas de tijolos ou qualquer material. Deus é o Deus vivo. Ele é muito mais do que a Bíblia ou do que uma igreja. Ele mora nos homens, e por isso temos que pensar em ajudar a todos. Por isso peço que examinem tudo o que eu trago aqui neste momento. Estamos em um momento de urgência em nosso mundo, não é hora de ficarmos separados. Todos podemos nos ajudar na busca da verdade para que nos tornemos definitivamente libertos, para que assim seja.

NOTA AOS IRMÃOS U.S. (estado-unidenses) - 1980

Queria fazer uma dedicatória especial a Martin Harvey, meu quase primeiro namorado de “infância”. Tínhamos 13 anos e Martin tinha vindo com seus pais em uma viagem ao Brasil. Enquanto isso, ele havia se matriculado em nossa escola. Eu tinha acabado de terminar o namoro com meu primeiro namorado com quem tinha trocado apenas 2 tímidos beijos em um mês de namoro quando me apaixonei por Martin. Mas, como demorasse muito a tomar uma atitude só ficamos próximos na véspera dele partir. Neste único dia, tive a relação mais sincera de toda a minha vida até aquele momento. Martin me contou uma difamação que estavam fazendo contra mim, disse quem fazia e exatamente suas palavras para que eu me afastasse e me defendesse. Disse-me também, “sua televisão é uma porcaria”. Querendo dizer emissora. Eu respondi que tínhamos outra até o ano passado que era muito melhor, mas pegou fogo. Ele replicou: “Sim, cuidado, a sua televisão é uma porcaria”.

Obrigada, Martin.

Ah, Martin e eu!

Imagine um mundo sem fronteiras de países e de religiões também!

Imagine sem fronteiras de posses.

Espero que um dia você se junte a nós e o mundo será um só.

Martin, você estava pleno de razão. Fique do meu lado novamente!

Irmãos U.S., por favor, acolham este livro e vejam o que é dito aqui com seus próprios olhos. Nós não somos nossos governos. Nos ajudem a nos defender da destruição dos meios de comunicação e das difamações que eles produzem.

Esta defesa defenderá vocês.

Que assim seja.

Pequena nota aos irmãos da América Latina

Pequena nota de muito valor.

Irmãos, para este livro vocês são de casa, vocês não são considerados estrangeiros.

Os brasileiros compreendem bem o espanhol. Já os falantes de espanhol, nem sempre entendem o português do Brasil. Para este livro somos todos falantes de latim e somos diferentes apenas em sotaques regionais.

NOTA DAS TRADUÇÕES ANEXAS

Contradominismo é um nome que não pode ser mudado pela tradução. Esse foi um ponto importante visto pela autora desde o início da facção deste livro. Caso este nome venha a encontrar alguma barreira no seu entendimento para alguma língua que não haja correspondência entre este radical, prefixo e sufixo, o que se dirá é que seu nome, Contradominismo, significa em português o posicionamento que se opõe à ideologia de dominação doentia.

Exceção apenas se dará quando o alfabeto da outra língua não encontrar correspondência sonora com o português, como é o caso do Chinês. Aí, a autora não tem como opinar, sendo certo que a tradução chinesa que está contida aqui é a mais precária de todas. A autora transpôs para palavras cada parte da palavra, prefixo, radical e do sufixo. Fez isso colocando barras entre estes nomes, mas não tem como garantir o resultado. Entretanto, por esta forma de agir, o leitor verá que assim também será feito em relação a palavras importantes as quais precisemos, mas que não tenhamos formalmente registradas. Assim, dessa forma, conseguimos usar palavras mesmo que não existam no nosso dicionário.

Assim, as palavras para explicarem o significado do nome principal do livro podem ser alteradas, mas não o próprio nome. Eu justifico. Contradominismo é uma palavra composta de radical, prefixo e sufixo do Português, de modo que não se pode dizer que seja uma palavra que não existisse. Isso porque o português possui um processo de criação de palavras que é bastante livre e o brasileiro cria muitas palavras constantemente com estes meios. Entretanto, é uma palavra que ainda não tinha sido pronunciada publicamente por ninguém, de modo que é um nome que pertence à pessoa que o criou podendo ela determinar que ele não seja mexido.

Desta primeira âncora de tradução resulta que este nome também terá uma família de nomes que deverá ser respeitada. Por exemplo, “contradominista” será um nome derivado de Contradominismo, por isso também deverá ser traduzido com o mínimo de alterações possíveis e, caso não seja possível seu entendimento em outra língua, ao lado se explica que contradominista é a pessoa ou ideologia que está de acordo com a ideologia do Contradominismo, mas não se altera o nome. A união de palavras é importante neste livro. Então, o que se busca aqui, é falar as palavras mais próximas que existam entre as diversas línguas, situação em que a palavra Contradominismo se destaca como a mais importante.

As traduções anexas do livro foram feitas pela própria escritora. O conhecimento que estava sendo passado, em razão da extrema intertextualidade técnica, que é associada à linguagem corrente, era de difícil entendimento, sendo certo que estas traduções são precárias e foram tecidas concomitantemente com a correção do original em português. Traduções exigem textos corrigidos, então este fato também era um obstáculo ao entendimento perfeito. As traduções, portanto, são ditas parte integrante da obra “O contradominismo - o Despertar do Gigante” sob o título de banco de palavras em outras línguas, assim sendo, não podem ser vendidas separadamente, porque são traduções muito precárias. Quaisquer erros que haja nas traduções anexas também serão da escritora do original, já que não domina nenhuma outra língua além do Português e fez suas traduções a custo de equipamentos e pesquisas exaustivas. Também é fundamental que seja assim porque existe, no todo do livro, um estudo da linha mestra de linguagem a ser mantida. Esta linha mestra é uma proposta de linguagem sob uma forma mais concreta possível. Assim, ao invés da expressão “haver”, que é uma forma abstrata, muitas vezes preferimos o verbo existir, porque é concreto. Para tornar a palavra concreta, muitas vezes, empregamos uma linguagem mais relacionada com sentidos, chamando o leitor a ver e a escutar.

A verificação ortográfica inicial também não poderia ser feita por outras pessoas por se tratar de um livro conceitual. Isso significa que este é um livro que seleciona conceitos. Depois, dentro destes conceitos seleciona o significado específico que ele quer salientar. Por isso necessita de extrema fidelidade com os parâmetros do original. O ponto de vista que se quer dar a estes conceitos é o mais importante, e o ponto de vista é o da escritora do original. Uma tradução livre inicial, sem um banco de palavras, seria uma tradução com possibilidades de se tornar muito aleatória e não teria que respeitar, na forma de traduzir, uma espécie de fidelidade, em relação ao original. Entretanto, tendo a própria autora feito uma tradução que servirá como banco de palavras, qualquer outra tradução futura terá que respeitar esta forma de traduzir, pois, quando houver possibilidade, a tradução deverá ser literal, desde que não fira o sentido. Existe uma linha rígida e muito bem delimitada a ser seguida, da qual ninguém poderá fugir em traduções futuras. Esse procedimento é algo importante até para a essência desta obra, pois, em termos técnicos, o que as traduções anexas querem mostrar é que existe uma rigidez evolutiva entre as línguas românicas, incluindo o inglês que é uma língua anglo saxônica. A tradução literal da língua portuguesa para a língua inglesa é algo que os falantes de língua inglesa pouco reconhecem. Entretanto, existindo esta, fazemos as palavras inglesas nossas reféns da mesma forma que Fernando Gabeira fez com o embaixador dos E.U.A., de modo a obrigar um tradutor a não se afastar do significado do livro. As implantações linguísticas com exceção do mandarim, sobre o qual não podemos opinar, também parecem ter sido feitas sobre todas as línguas vistas,. A simbiose entre traduções e o original em língua portuguesa, por sua vez, rendeu que nenhum profissional conseguisse auxiliar neste trabalho porque os arquivos ainda teriam que sofrer mutações.

Assim, a rigidez de forma, até aqui, foi fundamental para instruir o direcionamento das traduções livres. Esse procedimento é uma espécie de “vara de ferro”, uma linha rígida na sua orientação. Além disso, dentro do conjunto “implantações ideológicas” temos o subgrupo “implantações linguísticas”. “Implantações linguísticas” são questões ligadas diretamente às palavras faladas e como esta é uma questão ao nível de palavras, os vocábulos não podem ser usados aleatoriamente. Por isso a necessidade de tanta rigidez inicial nas palavras também, pois são objeto de estudo para a filologia mundial. Neste caso, o estado evolutivo da língua é observado em todos os níveis e o nível de aproximação com a origem histórica da língua é o nível literal, e, por isso, não poderia deixar de estar contido aqui.

Neste Livro foram tomados alguns cuidados com situações ideológicas que um tradutor comum não tomaria. É o caso da palavra Americanos, com a qual temos que ter cuidado para não se tornar chauvinista. O termo “americanos”, para se referir aos habitantes dos EUA, não é apropriado porque suprime a compreensão dos outros americanos. Assim, é um desrespeito para outros americanos. A palavra latino-americana “estado-unidenses” não encontrou parâmetros em inglês e, assim, fizemos a substituição pela sigla U.S. para se referir a tudo que pertence aos EUA. Existe também a preocupação de sempre colocar os pontos entre o “u” e o “s”, para não confundir com “nós” em inglês. Esta é uma questão ideológica importante, porque os EUA são parte da América e não a América é propriedade dos EUA. É isso que a polissemia quer indicar na expressão: “América para os americanos”. Assim, esse problema de polissemia é resolvido. A palavra “ver” é um termo amplamente usado neste livro como um modo mais profundo da palavra “olhar”. No entanto, devido à extrema polissemia que existe na língua inglesa, esta primeira palavra, quando usada independentemente, adquire diferentes significados. Portanto, a expressão “*Look and see*” foi criada como uma maneira de manter o significado do termo “ver” na íntegra. Em consequência, por influência do inglês, o original em português passou a figurar com a expressão “olhe e veja”.

Outra razão que veio a exigir a rigidez era a impossibilidade deste livro ser traduzido por algum falante que não fosse um falante de língua portuguesa e com residência originária no Brasil. Isso acontece porque as pesquisas de campo, de onde foram tirados cada “corpus linguísticos”, foram coletadas num ambiente cultural que possui um hibridismo muito variado e, também, muito íntimo dos fenômenos culturais que são vividos no Brasil.

No que se refere ao formato, o livro apresenta separação em parágrafos apenas no primeiro capítulo, que é a introdução. Nos demais capítulos, cada página se referirá a um parágrafo.

Por fim, este livro fala principalmente de problemas relacionados a conhecimentos técnicos, mas possui fundamentalmente orientação do novo cristianismo, que é o cristianismo sem fronteira de religiões. Assim, não bastaria apenas um técnico para traduzi-lo, pois teria que ser um técnico que entendesse esse ponto de vista. E isto é de suma importância, porque, neste ponto de vista sensível do livro estará a metáfora existente em seu próprio nome. O cristianismo aqui não é visto como religião, mas como modo de conduta necessário e que é ligado à essência do homem. A essência do neocristianismo, apoiada no tripé paz, amor e boa vontade é vista como fator indispensável para a estabilização psicológica do ser. Jung em seu livro “O homem e seus símbolos” descreve a constante dos terapeutas retornarem seus pacientes às suas religiões maternas como forma de estabilização psicológica. Este retorno, na realidade, era um retorno aos valores básicos de Jesus Cristo que são os valores do homem amigável e com boa convivência social. Muitas culturas que tiveram suas bases construídas sobre o modo de conduta cristão são hoje culturas fortes, mas se nomeiam ateias. Entretanto, praticam a essência do cristianismo, mesmo que usem outros nomes. Um exemplo de religião não cristã que não se opõe ao cristianismo é o budismo. Esta última colocação, ainda que pareça simples, é o ponto de vista que causa mais conflitos, pois as pessoas na atualidade estão separadas por pontos de vistas religiosos. Até o ateu está.

Por estas razões e por outras, não houve como esta humilde serva entregar este trabalho árduo a outro cristão para fazê-lo, mas, como trabalha deitada não se cansa. Quando trabalha descansa.

Assim, fica o leitor conhecendo um pouco do nosso esmero em tentar levar a melhor forma possível. Esperamos poder ser bem recebidos em sua leitura. E que assim seja.